

DE CADA CANTO UM CONTO: SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA APROPRIAÇÃO DO SEA

Débora da Rocha Cordeiro¹
Evanice Brígida Cavalcanti Lemos²
Isabela Cristina Gomes da Silva Pestana³
Jacineide Ramos de Souza⁴
Patrícia Valéria Bemvindo da Silva⁵

INTRODUÇÃO

Marcados por uma sociedade globalizada que passa por rápidas mudanças em avanços científicos e tecnológicos, compete à escola repensar princípios e práticas pedagógicas para cumprir sua função básica de educar de forma integral, cidadãos produtores de cultura e de conhecimentos, para uma atuação consciente e transformadora da realidade.

Nesse sentido, os estudantes precisam desenvolver a capacidade de adaptação ao novo, atitude colaborativa e flexível, a fim de poderem lidar com o volume das produções que circulam, sendo capazes de selecioná-las, relacioná-las, interpretá-las e aplicá-las em contextos adequados contemplando seus direitos de aprendizagem.

Para atender as demandas da escola, é necessário refletir sobre as estratégias de ensino e aprendizagem. Diversos estudos apontam para o trabalho com Sequência Didática, como uma alternativa interessante. A adoção da organização do trabalho pedagógico sistemático por meio de sequências didáticas permite pensar de modo mais profundo sobre o Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e sobre a diversidade de gêneros textuais. Desse modo, a organização do trabalho pedagógico por meio de sequências didáticas constitui um diferencial pedagógico que colabora na consecução dos objetivos expressos nos quadros dos direitos de aprendizagem (MENDES, CUNHA, TELES, 2010).

¹ Professora da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Recife e mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Básica da UFPE- PE, debora.drca@ufpe.br;

² Mestranda do Programa MPEB-UFPE, Supervisora do NEIDH -GRE Recife Norte, Professora do AEE da RMRE, evanice.clemos@ufpe.br;

³ Mestranda do Programa MPEB-UFPE, Técnica-pedagógica da GEE da RMRE, isabela.cristinagomes@ufpe.br;

⁴ Mestranda do Programa MPEB-UFPE e Professora da RMRE e PMJG, jacineide.ramos@ufpe.br;

⁵ Mestranda do Programa de MPEB-UFPE, Coordenadora pedagógica da RMRE, patricia.bemvindo@ufpe.br

MATERIAIS E MÉTODOS

Para construção dessa modalidade organizativa, nos apoiamos na Política de Ensino do Município de Recife, que ao organizar os conteúdos e objetivos do componente Língua Portuguesa para o 2º ano do Ensino Fundamental, enfatiza a importância da “ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais, permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens”.

Nossa Sequência Didática está ancorada no trabalho a partir do Gênero textual Conto, tendo como título: **“De cada canto, um conto”** numa perspectiva de conhecer contos de diferentes lugares do mundo, ampliando o universo cultural dos estudantes. Foram selecionados contos populares de diferentes países do continente africano (Moçambique /Angola), bem como Colômbia, Brasil, México e contos de tribos indígenas presentes no Brasil (Pará), permitindo a exploração de conteúdos dos componentes curriculares História, Geografia e Língua Portuguesa. Os contos selecionados trazem características peculiares entre si, pois há diferenças dentro do mesmo gênero. No caso, os estudantes estarão se familiarizando com contos do tipo anedotas, causos, contos de encantamento e contos de animais permitindo aprofundamento em torno das características específicas do gênero através da comparação e exercícios de compreensão textual.

A proposta está direcionada para estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental I. Nesta etapa, os estudantes estão no ciclo de alfabetização, uns em estágios mais avançados que outros. Assim, a proposta é que as primeiras leituras e escritas sejam feitas pelo professor, considerando os diferentes níveis da psicogênese da escrita (TEBEROSKY, 1990).

Considerando a heterogeneidade das turmas as propostas de atividades levam em consideração os estudantes com deficiência. Para tanto estará dispendo Mapas Mundi tátil e em braille, além de textos com o uso da comunicação alternativa e aumentativa (CAA) e libras que beneficia a todos os estudantes, pois traz formas diversas de linguagens para trabalhar um mesmo conteúdo.

O material concreto está presente nos encontros para que estudantes que não enxergam com a visão, possam ver através do toque sensorial e através da escuta. Estudantes que não escutam poderão acessar informações através da visão e da troca através das diferentes formas comunicativas. Assim, serão utilizados materiais como a Prancha (PECS), material em BRAILLE, bem como o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

A avaliação como parte do processo de ensino e aprendizagem e não menos importante que as demais etapas, permite a reflexão sobre a prática, reelaboração das ações e



melhorias nas intervenções. A avaliação não está destinada apenas ao estudante, numa perspectiva de mensurar seu conhecimento, mas visa observar os contextos, identificar avanços e dificuldades e replanejar as atividades quando necessário.

A sequência está organizada em 7 módulos, cada um com 2 encontros e 1 encontro de finalização como culminância. O primeiro módulo busca investigar os conhecimentos prévios dos estudantes e reunir materiais (contos diversos) para o desenvolvimento dos módulos seguintes. Os módulos dois, três, quatro, cinco e seis correspondem à exploração dos contos e ampliação do conhecimento de acordo com os componentes elencados. Por fim, o sétimo módulo busca resgatar as vivências de todo o período, e se volta para organização e construção do produto final, que será a elaboração de um livro de contos escrito e ilustrado pelas crianças.

Além da produção escrita, pretende-se dramatizar um dos contos, de acordo com a escolha dos estudantes. A produção escrita bem como a dramatização serão apresentadas aos familiares e comunidade escolar em evento denominado Tarde de autógrafos, onde as crianças farão narrativas recontando seus contos preferidos. Consideramos ser possível auxiliar os estudantes a conhecerem melhor o gênero textual Conto, favorecendo sua escrita ou fala de uma forma adequada, garantindo uma maior autonomia nas situações de comunicação.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ser humano é antes de tudo um ser social e cultural, que se desenvolve por meio das relações com o outro e de acordo com a apreensão dos signos de sua cultura, desenvolvendo, assim, suas funções mentais superiores. Vygotsky conceitua as funções mentais superiores como mecanismos lógicos, sofisticados e complexos que são comuns ao ser humano, com características como controle consciente, ação intencional e liberdade para mudar (DE CHIARO, 2012). As funções mais básicas, com base em reflexos, são encontradas em outros animais ou então em bebês, que ainda estão em processo inicial de interação com o meio em que vivem. É a partir dessa interação que se dá a importância da mediação no processo de internalização dos aspectos culturais. A mediação não necessariamente ocorre por intermédio de uma outra pessoa, e sim a partir de todas as ferramentas que estão presentes na cultura, tais como livros, revistas, imagens, pinturas, dentre outras.

A linguagem como ferramenta de interação social estabelece um papel fundamental na comunicação entre os indivíduos e no estabelecimento de significados compartilhados

que permitem apropriações dos objetos, eventos e situações do mundo real. Como aponta De Chiaro:

[...] é através da interação social, mediada principalmente pela linguagem, que o indivíduo vai interiorizando de maneira ativa as formas culturais de funcionamento psicológico, o que nos permite conceber a cultura, como diz Vygotsky, como um palco de negociações, em que informações, conceitos e significados são continuamente reinterpretados e recriados. (DE CHIARO, 2012, p. 76)

Desta forma, a linguagem atua na estruturação do pensamento, sendo uma ferramenta essencial na construção de conhecimentos e atuando para alterar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Para tanto, os signos e as palavras são postos como mediadores deste processo, os quais permitem ao homem a internalização das suas ações externas. Para Vygotsky (1991), a internalização da linguagem se dá a partir de dois níveis: o primeiro nível interpsicológico (entre pessoas); e no segundo nível, o intrapsicológico (no interior do indivíduo). Assim, a internalização consiste na reconstrução interna de uma ação externa ao homem, envolvendo a atividade psicológica, a qual tem como base as operações com signos. Como esclarece:

A maior mudança na capacidade das crianças para usar a linguagem como um instrumento para a solução de problemas acontece um pouco mais tarde no seu desenvolvimento, no momento em que a fala socializada (que foi previamente utilizada para dirigir-se a um adulto) é internalizada. Ao invés de apelar para o adulto, as crianças passam a apelar a si mesmas; a linguagem passa, assim, a adquirir uma função intrapessoal além do seu uso interpessoal. (VYGOTSKY, 1991, p. 22).

Por se tratar de uma estratégia de ensino organizada e estruturada, prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino-aprendizagem, levando em consideração, a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre as atividades e etapas, bem como, avaliação dos resultados. (OLIVEIRA, 2013).

Os Contos fazem parte da tradição oral, portanto são produtos da cultura. As narrativas do discurso dos contos apresentam elementos de diferentes povos e culturas permitindo a articulação das práticas sociais e dos objetos escolares, contribuindo para a participação do educando na vida social e comunicativa, o que facilita e modifica os saberes essenciais para a produção textual no contexto escolar.



[...] o gênero é um instrumento para agir em situações languageiras; suas potencialidades de desenvolvimento atualizam-se e são apropriadas na prática. É um instrumento cultural, visto que serve de mediador nas interações indivíduos- objetos e é um instrumento didático, pois age como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010, p. 44, grifos dos autores).

Embora o gênero conto possa fazer parte do universo cultural dos estudantes, na escola o conhecimento passa a ser reelaborado. Para que os estudantes possam se apropriar desse conhecimento e conhecer melhor esse objeto que utilizam com frequência é necessário que sejam utilizadas didáticas sistemáticas, que possam explicitar as características da oralidade a ser ensinada. (Dolz, Schneuwly, 2011)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Zabala (1998), Sequência Didática (SD) é “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”. Nesse caso, observa-se que nesta modalidade organizativa, ocorre a participação ativa dos estudantes antes e durante todo o processo, além de permitir a reflexão constante do professor em torno da sua prática a fim de aprimorá-la.. A sequência didática se configura como um dos caminhos mais indicados para a construção do conhecimento e desenvolvimento do trabalho pedagógico em sala de aula. ZABALA (1998), OLIVEIRA (2013) e DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY (2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sequência Didática, em questão, garantiu reflexões acerca de diferentes possibilidades de realização de um trabalho que apresente propostas didáticas que possam servir de apoio aos professores que atuam em turmas do 2º ano do Ensino Fundamental (ano iniciais), munindo-os com possibilidades metodológicas para o trabalho com gêneros textuais de forma interdisciplinar, intertextual e intercultural.

Com base nestes pressupostos de apropriação e ressignificação das aprendizagens que os trabalhos com Sequências Didáticas tornam-se importantes, pois possibilitam aos estudantes consolidarem seus conhecimentos, que estão em fase de construção, bem como permite aos mesmos que outras aquisições sejam possíveis de ocorrer de forma progressiva, uma vez que a organização das atividades, nas referidas sequências, acontecem por



progressão modular, considerando os conhecimentos que os estudantes já possuem sobre determinado assunto a ser abordado.

A tarefa de desenvolver atividades que tratem da alfabetização e letramento de maneira a ampliar o repertório do estudante e ao mesmo tempo formar leitores é um desafio de grande complexidade e responsabilidade para educadores. Mas é, ao mesmo tempo, um prazer pensar em atividades em que se possa ter um seguimento, uma continuidade e que permita tentar compreender com mais clareza e profundidade os objetivos que se quer alcançar que nesse caso, será o processo de alfabetização e letramento.

Palavras-chave: Educação infantil, Pandemia do covid-19, Prática docente

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. O ensino da compreensão e a formação de leitor: explorando estratégias de leitura. In: SOUZA, Ivane Pedrosa e BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo. Práticas de leitura no ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Andrea Tereza Brito. Os saberes docentes e as práticas. In: Formação continuada de professores: questões para reflexão. Belo Horizonte: Autêntica, 2005b.

LEAL, Telma Ferraz; SÁ, Carolina. F.; SILVA, Elaine. Heterogeneidade: do que estamos falando? In: LEAL, Telma Ferraz; SÁ, Carolina.F.; SILVA, Elaine. N. **Heterogeneidade, educação e linguagem em contextos do campo e da cidade**. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2018, v.1. p.185

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o imaginário. Porto Alegre, Artmed, 2002.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V.M. (ORG.). Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Globo, 2001.

TEBEROSKY, Ana. Psicopedagogia da linguagem escrita. 3ª edição. São Paulo, Trajetória Cultural, 1990.

VIEIRA, Fabiana Silva Soares. Contribuições do dispositivo sequência didática na alfabetização: a autoria em foco. 26/02/2018. 160 f. Mestrado Profissional em Docência e Gestão Educacional Instituição de Ensino: São Caetano do Sul: Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2018

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Tradução: Ernani F. da F. Rosa.
Porto Alegre: ArtMed, 1998.